

“QUERO LHE CONTAR COMO EU VIVI” – ANÁLISE LINGUÍSTICA DE NARRATIVAS DE PROFESSORES PERSEGUIDOS NO REGIME MILITAR

MAURÍCIO SIGNORINI DIAS¹; LETÍCIA FONSECA RICHTHOFEN DE FREITAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – mauricio.ufpel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – letirfreitas@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo apresentar um projeto de mestrado em desenvolvimento, que se situa no campo indisciplinar da Linguística Aplicada, foca em análises de narrativas e se relaciona com eventos de memória social. O tema da pesquisa trata da profissão docente e sua relação sócio-histórica com o período ditatorial, a partir de narrativas de docentes que lecionaram em escolas e em universidades da região sul do Estado naquela época. Nesta pesquisa analisam-se as narrativas de três professores aposentados, que contam suas memórias de formação e suas histórias como professores durante a ditadura militar, momento da carreira profissional em que foram perseguidos e torturados. Assim sendo, objetiva-se mapear os posicionamentos interacionais dos entrevistados, que são performados em suas narrativas. Busca-se, também, investigar o processo de rememoração, focando as construções das memórias desses professores, e assim, analisar a forma como eles constituem os personagens de suas histórias e, ao fazerem isso, se constituem também. Além disso, esta pesquisa visa produzir inteligibilidades sobre a profissão docente no contexto socio-histórico da ditadura militar e as suas relações com o momento presente. Geradas durante situações de entrevistas narrativas, em 2015 e em 2016, as narrativas são analisadas com base nas teorizações da LA, dos estudos de memória e de narrativa como performance, bem como por meio das cinco ferramentas analíticas sugeridas por WORTHAM (2001). Ademais, faz-se uso do ponto de virada, construto teórico estabelecido por MISHLER (2012). Os resultados ressaltam argumentos de autores sobre o processo de rememoração e de construção de narrativas de vida, bem como evidenciam a incessante perseguição aos professores durante a ditadura militar.

2. METODOLOGIA

As narrativas analisadas foram coletadas, nos anos de 2015 e 2016, por meio de entrevistas narrativas gravadas, logo, todos os participantes assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Assim, sem partir de um roteiro pré-estabelecido, os entrevistados ficavam à vontade para contar o que achassem necessário (BASTOS e SANTOS, 2013). Conforme argumentam MISHLER (2002) e BOSI (1994) sobre a influência do contexto para a o processo de rememoração, entende-se que o indivíduo conta suas histórias de acordo com o local e sua audiência. Assim, explica-se que entrevistas ocorreram, individualmente, nas casas de dois dos três sujeitos entrevistados, já o encontro com um dos professores ocorreu em uma cafeteria, conforme pedido pelos próprios entrevistados. Ao narrar, as pessoas posicionam-se identitariamente. Sobre isso, DAVIES e HARRÉ (1990) argumentam que os narradores se situam nas narrativas tanto como participantes quanto observadores. BAMBERG (2002) sublinha que o narrador se posiciona à medida que posiciona os outros de sua

história, dando assim um sentido a si, aos outros e ao local de pertencimento. Nesse sentido, nas análises, atenta-se para o ponto de virada. De acordo com MISHLER (2002), trata-se do momento que um indivíduo recontextualiza parte daquilo que já narrou, atribuindo um significado, de acordo com a mensagem que deseja transmitir ao contar sua história. Para analisar essas narrativas, utilizou-se ainda as ferramentas analíticas propostas por WORTHAM (2001), que são a referência e predicação; os descritores metapragmáticos; a citação; os indexicais avaliativos e a modalização epistêmica, que servem para identificar os elementos que são construídos na narrativa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com GUBRIUM e HOLSTEIN (2003), a prática de entrevistas é muito comum em quase todas as culturas do mundo. No âmbito dessa pesquisa, percebe-se que em reportagens e noticiários, como jornais e sites, nos últimos tempos, muitos indivíduos surgiram comentando que somente vagabundos e comunistas eram punidos na ditadura. Nota-se o quanto esses argumentos formam um modo de pensar e constituem um posicionamento político, que acaba por direcionar a vida social de muitas outras pessoas; muitas dessas pedindo uma nova intervenção militar. Conforme narram os professores entrevistados, qualquer coisa que fosse dita em sala de aula e que pudesse ser mal interpretada, poderia ocasionar a prisão e até tortura. Embora tenha passado mais de vinte anos do início da redemocratização, a ditadura militar tornou-se um tema constante na sociedade. A Linguística Aplicada, em sua vertente indisciplinar, estuda os usos sociais da linguagem, e, aqui, problematiza a profissão docente em relação a ditadura militar, a partir de narrativas contadas em um momento de crises e de pedidos de nova intervenção. A LA tem, também, compromisso com a ética. Nesse sentido, essa pesquisa tem como função social ser contrária a esses argumentos visto em noticiários, que se baseiam no senso comum, evidenciando que docentes, por motivos simples, eram perseguidos e torturados.

Conforme apresentam alguns autores, é através das narrativas que as pessoas dão sentido a si e às coisas do mundo, já que a todo tempo estão inseridas em situações de interação, como as entrevistas (PENNYCOOK, 2006; FREITAS e MOITA LOPES, 2017). KIM (2016) sublinha a ideia de virada narrativa, em que essa passa a ser abordada pela perspectiva performática. Dessa forma, retomando o trabalho de AUSTIN (1990), compreende-se que ao dizer algo, faz-se algo; isto é, linguagem é constituidora e constituinte da vida social e da própria realidade. Isso refere-se tanto a construção de narrativa autobiográfica como em relação às notícias sobre a intervenção militar, que foram citadas. Ademais, esse trabalho considera estudos em memória social importantes para a compreensão e para análise das narrativas. Conforme CANDAU (2014) e BOSI (1994), o processo de rememoração é uma reconstrução dos eventos passados, isto é, uma nova versão que se atualiza com o momento em que é contada, de acordo com os elementos do tempo presente.

Somente alguns excertos das análises das três narrativas são expostos abaixo, para, assim, ilustrar o trabalho de análises realizado no projeto de dissertação. Cada uma das entrevistas durou cerca de 45 minutos. Os nomes fictícios Chico, Olga e Horário foram atribuídos aos participantes, com exceção do nome do pesquisador, que foi mantido.

A) Excerto da narrativa do professor Chico sobre um interrogatório:

1. E aí o cara/ esse coronel foi falar com meu pai/

2. ↓ah o teu filho tá lá/ >não/ não< já mandei libera ele/ não sabia que era teu
3. filho/ é/ o meu pai/ se fosse filho de outro vocês ia matar lá em baixo/ iam
4. torturar. não/ ↑é assim sim/ não justifica a tua atitude/ eu não vou te
5. agradecer por causa disso.

No excerto A, nota-se que professor Chico utiliza a citação para dar voz aos sujeitos de sua história, como o faz em boa parte da entrevista. Conforme marcado pelas flechas ↓↑, nas linhas 2 e 4, o professor alterna a tonalidade da voz para criar uma interação hierárquica no diálogo entre seu pai e um coronel. Essa alternância ocorre após o pai surgir na história. Desse modo, a tonalidade da voz atribuída ao militar abaixa em relação a que é dada ao pai.

B) Excerto da narrativa da professora Olga sobre as práticas docentes:

1. Tu vê/ eu era bem jovem/ recém formada/ de acordo com as minhas práticas
2. de ensino/ naquela época em '71/ '72 eu já fazia os alunos pensarem/ [...]
3. cheguei pra dar aula/ não tinha mais nada (.) do meu material/ Já tinha sido
4. transferido assim né/ à reviria/ então desmantelavam os grupos
5. que trabalhavam/ já naquela época/ com interdisciplinaridade.

No excerto B, nota-se que Olga faz uma reflexão, no momento da entrevista, sobre suas memórias das práticas docentes do passado. Dessa forma, ela se posiciona dizendo que "já fazia" os alunos pensarem, conforme direciona o pesquisador pelo descritor "vê" (linhas 1 e 2). Observa-se um ponto de virada (MISHLER, 2002), pois ela recontextualiza sua narrativa, dando uma finalidade ao que contava. Além disso, a performance identitária da professora Olga é construída no sentido de assemelhar-se a de um grupo (linha 4). Conforme BOSI (1994), uma memória coletiva é construída na interação e, muitas vezes, são laços de pertencimento à família, amigos e etc.

C) Excerto da narrativa do professor Horácio sobre a docência após a prisão:

1. Maurício: Como é que era dar aula antes e depois de ser preso?
2. É... depois de ser preso/ é que eu depois de ser preso só fui dar aula em '75
3. já/ ainda no rolo/ mas (.) eu tinha um/um/um/um... apreço muito grande no
4. meio dos alunos (.) MUITO/ então isso me ajudou um pouco nessa questão
5. de/de/ ser rejeitado.

No excerto C, após ser questionado sobre a prática docente após a prisão, nota-se que o professor faz algumas micropausas (.), bem como repete, várias vezes, algumas palavras (linhas 2 e 3). Professor Horácio parecer ter ficado apreensivo depois de contar sobre a tortura sofrida. Ele narra que ficou afastado da profissão após ser libertado, depois de dois meses preso. Ele dá ênfase à referência de os alunos terem o terem ajudado naquele período (linha 4). Por fim, nesse trecho, o professor se predica como rejeitado (linha 5). Segundo narra Horácio, o fato de ter sido preso culminou em uma rejeição por parte dos colegas, da instituição e da sociedade.

4. CONCLUSÕES

Como trata-se de uma pesquisa ainda em desenvolvimento, este trabalho possui resultados iniciais. A análise da narrativa de Chico evidencia que a própria pronúncia das palavras constrói um significado, que faz parte da constituição da

narrativa. A análise da narrativa de Olga ressalta as ideias de BOSI (1994), de CANDAU (2014) e de MISHLER (2002) sobre o processo de rememoração, evidenciando como a professora constrói suas memórias com relação ao momento presente da entrevista. Na narrativa de Horácio, observa-se algo não notado nas outras entrevistas, o fato da rejeição social. Além disso, como Horácio foi extremamente torturado durante dois meses, notou-se uma alteração na sua fala ao contar sobre os momentos mais difíceis. A pesquisa ainda aponta que a perseguição aos docentes ocorria constantemente. Os docentes pareciam ser uma forte ameaça ao regime vigente.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer**. Palavras e ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAMBERG, M. Construindo a masculinidade na adolescência: posicionamentos e o processo de construção de identidade aos 15 anos. In: MOITA LOPES, L. P.; BASTOS, L. C. (Org.). **Identidades. Recortes multi e interdisciplinares**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. p. 149-185.

BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William S. Orgs. **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa**. Rio de Janeiro: Quartet, 2013.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade**. São Paulo. Contexto, 2014.

DAVIES, B.; HARRÉ, R. **Positioning: the discursive production of selves**. Journal for the Theory of Social Behaviour, v. 20, n.1, p. 43- 63, 1990.

FREITAS, L.F.R.; MOITA LOPES, Luís Paulo. “Sobre Feminismo, Sobre Racismo, Sobre Xenofobia, Sobre Tudo” – Desequilíbrios Narrativos em Performances Heterossexuais de Um Aluno Migrante Branco. Calidoscópio, v. 15, n. 2, p. 305-316, 2017.

GUBRIUM, J.F.; HOLSTEIN, J.A. From the individual interview to the interview society. In: GUBRIUM, J.F.; HOLSTEIN, J.A. (Org.). **Postmodern Interviewing**. California, London, New Delhi: Sage, 2003. p. 21- 49.

KIM, J-H. **Understanding narrative inquiry**. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore, Washington DC, Boston: Sage, 2016.

MISHLER, E. G. **Narrativa e identidade: a mão dupla do tempo**. In: MOITA LOPES, L. P; BASTOS, L. C. (Org.). **Identidades. Recortes multi e interdisciplinares**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002. p. 97-119.

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo. Parábola Editorial, 2006. p.67-84.

WORTHAM, S. **Narratives in action**. New York: Teacher's College Press, 2001.